

Texto de Apresentação do Livro “Por Ti Eu Daria – Toda a Poesia de Albano Martins”

Albano Martins

Há momentos, nas nossas vidas, em que até a amizade nos surpreende. E em que a ela nos vergamos. Sem que nos pese, porque a estima não é um fardo é um alento.

Falo do dia luminoso em que recebi o telefonema da Isabel Martins, a minha querida Isabel, dizendo-me que gostava que fosse eu a apresentar este livro do seu Pai.

Sei bem o que a Isabel sentia, sente, e sentirá sempre pelo seu Pai.

Pelos muitos testemunhos que sempre me deu. Sempre que eu encontrava a Isabel, falávamos dele, sem que eu tivesse de perguntar fosse o que fosse. Era uma presença constante.

Um homem que é assim apreciado e homenageado constantemente pelo afecto dos seus, neste caso pela sua filha, nem precisaria de outras qualidades. É a prova definitiva da sua qualidade humana. Ou seja, da sua virtude. Que não se extingue enquanto não esquecermos.

Se a Isabel me convidou, quero acreditar, é porque sabe que valorizo a virtude, a qualidade de Albano Martins como ser humano – condição fundamental que determina a sua obra – e a amizade indestrutível.

Confessei à Isabel que não era tarefa fácil, e tentei escusar-me, não porque não sentisse gosto em aceder ao convite, mas porque não sou um especialista em poesia. Aliás, confesso que não sou especialista em coisa nenhuma, o que se calhar faz de mim uma raridade, neste tempo em que os especialistas tomaram conta do espaço público.

A Isabel logo contrapôs, contudo, quando vacilei e hesitei, que seria essa a vontade de seu Pai, se estivesse entre nós. Assim, tudo estava dito, e aceitei a empreitada.

Digo isto para que as minhas amigas e os meus amigos não criem grandes expectativas sobre o meu desempenho de hoje.

Se eu vos desiludir, partilho dessa responsabilidade com a Isabel, o que de resto me deixa em excelente companhia. O que me valeu e ajudou é que a amizade é um jogo de contas. E, assim, pedi auxílio a outra amiga, a outra Isabel, desta vez a Isabel Ponce Leão, que me fez chegar algumas notas e me emprestou o seu “Ecos de Silêncio”.

Albano Martins, o sedutor da palavra.... Albano Martins é, a par de Eugénio, e de Hélder, um dos três grandes poetas portugueses da segunda metade do século XX.

Antes da poesia, falemos do homem. Nascido no Fundão, nessa Beira Baixa onde a poesia parece brotar da terra e da água todos os dias, passou depois por Lisboa e acabou por se radicar no Porto. Será essa uma coincidência? É que também Eugénio de Andrade fez esse percurso, essa rota, desde o Fundão até ao Porto, com escala em Lisboa. Ainda que a relação entre os dois fique por aí.

E será também uma coincidência que, agora, o seu espólio esteja junto com o de Eugénio, e com o outro grande tradutor e poeta que foi o Vasco Graça Moura, em depósito na Casa dos Livros, na bela casa Burmester da Faculdade de Letras da Universidade do Porto?

São insondáveis estas coincidências, mas felizes os seus epílogos. E sei bem que, no caso de Albano Martins, não foi o Porto que o adoptou.

Foi ele, o homem e o poeta, quem adoptou o Porto. Os poetas e escritores, tal como os grandes pintores e escultores, não são adoptáveis. São eles que adoptam, que protegem, que iluminam.

Dir-me-ão que esqueço Gaia ao falar do Porto e da relação que Albano Martins construiu com essa cidade, mas convirão, minhas amigas e amigos, que um dos encantos de Gaia é o Porto, enquanto horizonte irmão. Somos dois hemisférios unidos por um rio, que fazem de nós um cérebro. Não nos detenhamos, pois, numa querela de margens. Bastará revisitar

“O Porto de Raul Brandão”, uma recolha antológica de textos relacionados com o Porto, para resolver essa equação.

Albano Martins não é do Fundão, do Porto ou de Gaia. Nem sequer de Portugal. A sua dimensão simbólica e lírica não radica em geografias. E não se limita à poesia. E isso nem sempre foi entendido ou reconhecido. A sua erudição, e a sua frontalidade, nem sempre lhe granjearam aplausos. Sentiu-se vítima de injustiças e de incompreensões.

Felizmente, a sua obra, e o persistente diálogo interartístico que a sua poética convoca foram aclamados em vida. Foi agraciado pelo Presidente da República com a Ordem do Infante D. Henrique, no grau de Grande Oficial, e com um Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de São Marcos, de São Paulo, Brasil. Como tradutor, com mais de vinte títulos de literatura, nomeadamente sul-americana, recebeu o Grande Prémio de Tradução da Associação Portuguesa de Tradutores / Pen Clube Português, pela sua tradução do *Canto Geral de Pablo Neruda* e, em 2004, foi consagrado, pelo governo do Chile, com a Ordem de Mérito Docente e Cultural Gabriela Mistral, no Grau de Grande Oficial, pela tradução de várias obras do mesmo poeta.

À Associação Poeta Albano Martins, promovida por quem lhe sobreveio, a sua mulher e a sua filha Isabel, coube a tarefa de garantir que o seu legado não ficava esquecido. Por isso, este um momento para saudar a Associação e, também, os editores desta obra completa.

E de vos deixar uma palavra de incentivo para que continuem a perpetuar a obra de Albano Martins.

Da sua poesia, deixo-vos a minha opinião que, peço mais uma vez, tomem como testemunho de um leitor leigo. Ressalto, nos seus versos, a natureza como pano de fundo e horizonte de um lirismo colorido, povoado por Eros, em que a musicalidade da língua se acentua, como Albano confessa numa entrevista:

“pela exploração da capacidade expressiva de certas vogais e de algumas consoantes”. Essa elaboração, que pressentimos a ler os seus poemas, não resulta apenas da inspiração. Se essa

inspiração é a semente, sucede-lhe sempre um longo processo de aperfeiçoamento, que Albano Martins descrevia como o “limar das arestas”, limpando as “gangas e impurezas” porque o criador, e cito, “não dispensa o trabalho de artesão”.

É desse processo complexo que resultam os seus poemas: esculturas sopradas, coloridas de palavras, onde adivinhamos mensagens ocultas, percepções pagãs e diálogos interiores. O seu apreço pelos clássicos assim o impunha, porque, e cito, “a poesia é também uma forma de gnose, de conhecimento”. Em Albano Martins, há uma permanente cumplicidade, entre o homem, culto e sensível, e o poeta. O poeta que invade a prosa, porque muita da prosa de Albano Martins tem, na sua estética, uma óbvia tonalidade poética.

Minhas amigas e meus amigos,
Não sei dizer poesia. Só a sei ler e sentir. Mas ficaria mal se aqui não tentasse a ela recorrer para ilustrar o que vos disse. Não sei se este poema foi dedicado ao Porto. Deixo isso à vossa consideração, com a minha fundada suspeita como guião:

Uma Cidade

Uma cidade pode ser
apenas um rio, uma torre,
uma rua
com varandas de sal e gerânios
de espuma.
Pode ser um cacho
de uvas numa garrafa, uma bandeira
azul e branca,
um cavalo
de crinas de algodão, esporas
de água e flancos
de granito.
Uma cidade
pode ser o nome
dum país, dum cais, um porto, um barco

de andorinhas e gaivotas
ancoradas
na areia. E pode
ser
um arco-íris à janela, um manjerico
de sol, um beijo
de magnólias
ao crepúsculo, um balão
aceso
numa noite
de junho.

Uma cidade pode ser
um coração,
um punho.

Albano Martins, in "Castália e Outros Poemas"

Termino com uma resposta sua a uma questão que lhe coloca Isabel Ponce Leão. Talvez esteja aqui condensado e seu testamento:

“Sinto-me, às vezes, um Tales de Mileto, que acreditava ser a água o princípio de tudo; outras, um Anaxímenes, para quem o elemento primordial é o ar; outras, ainda, um Heráclito, para quem esse mesmo elemento é o fogo. Acredito, como Xenófanés, que “tudo sai da terra e volta à terra” e também que “tudo o que nasce e cresce é composto de terra e água”, sendo dela, por isso, que todos nós nascemos.

Rui Moreira

27 de Abril de 2022